

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA)
Disciplina: Sociologia Econômica
Acadêmica: Juliana Karem Fonseca Coutinho

RELATÓRIO: DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA ECONÔMICA

O texto de Marques (2003) representou uma introdução ao estudo da Nova Sociologia Econômica (NSE). Inicialmente, o autor (2003, p. 3) nos explica que “a NSE não se distingue da Economia nem pelas áreas de pesquisa, nem pelos problemas que estuda”. A NSE aplica teorias da sociologia aos fenômenos econômicos, não nega muitas das teorias da Economia, mas é contrária a alguns de seus pressupostos básicos, principalmente em relação aos conceitos de equilíbrio e racionalidade. A NSE considera a inclusão dos atores sociais num quadro de relações sociais.

Outros dois importantes conceitos considerados por Marques (2003) e debatidos em sala foram os conceitos de confiança e capital social. O autor (2003, p. 19) afirma que “nenhuma sociedade é possível sem doses elevadas de confiança entre seus membros”, porém, este conceito não implica que não exista egoísmo nos seres humanos. Já o capital social “refere-se às ligações entre indivíduos, através de redes sociais, normas de reciprocidade e confiança” (MARQUES, 2003, p. 26).

O segundo texto estudado em sala foi de Steiner (2006), que possibilitou uma maior compreensão sobre a Sociologia Econômica. O autor trata do contexto histórico do surgimento da Nova Sociologia Econômica e das diferenças entre a Sociologia Econômica e a Economia. Segundo o autor (2006, p. 35) “[...] a teoria econômica produz conhecimentos úteis à ciência social, porém eles não são suficientes”, pois não consideram a interferência do social nas ações dos indivíduos. Também são debatidas questões referentes ao mercado, as instituições, a construção social das relações mercantis e as redes sociais.

Na terceira aula, foram estudados os textos de Raud-Mattedi (2005a) e Granovetter (2007). Granovetter (2007) discorre sobre imersão (*embeddedness*), confiança e má-fé. Segundo o autor, a ação econômica encontra-se imersa nas estruturas das relações sociais, na sociedade moderna industrial. Ele considera que “o argumento da imersão enfatiza [...] o papel das relações pessoais concretas e as estruturas (ou ‘redes’) dessas relações na origem da confiança e no desencorajamento da má-fé” (GRANOVETTER, 2007, p. 12).

Raud-Mattedi (2005a) analisa a abordagem estrutural de Granovetter. A Sociologia

Econômica de Granovetter distingue três níveis nos fenômenos econômicos e apresenta três proposições que orientam sua reflexão: “a ação econômica é uma forma de ação social; a ação econômica é socialmente situada; e as instituições econômicas são construções sociais” (GRANOVETTER, 1985, 1990; SWEDBERG, GRANOVETTER, 1992 apud RAUD-MATTEDI, 2005a, p. 62).

A autora discorre sobre os méritos da abordagem de Granovetter, mas também faz críticas ao autor. Uma de suas críticas (2005a, p. 75) é que “Granovetter, ao tentar enriquecer a hipótese de racionalidade, não faz nada mais que substituir o *homo oeconomicus* por um *homo sociologicus* atemporal, que buscaria, por natureza, honra e poder”.

Na quarta aula, debateram-se os textos de Nee e Ingram (1998) e Collet (2003). Nee e Ingram (1998) buscam apresentar uma ligação entre as redes e as instituições. Assim, expõem um modelo para o neo-institucionalismo na sociologia, que considera os grupos pequenos, as organizações e as estruturas institucionais. Collet (2003) também realiza uma análise crítica da visão teórica de Granovetter em relação à sociologia econômica, devido seu enfoque racional.

Após estes textos, foi realizado um fechamento/síntese sobre os temas tratados até o momento, o que auxiliou na compreensão do que foi debatido em sala. Acredito que a realização de uma síntese semelhante para os demais temas ministrados na disciplina também seria muito proveitosa.

Na sequência, foi estudado o texto de Raud-Mattedi (2005b), no qual argumenta que Durkheim e Weber deram início ao estudo sociológico do mercado em termos de construção social, além de refletir sobre o papel das instituições no direcionamento do comportamento dos atores econômicos e na regulação do mercado. Ambos os autores consideram que os atores econômicos não buscam apenas seu interesse, mas que estes interesses são definidos socialmente pelas instituições, dentre elas a tradição, a moral e o Direito.

Vinha (2003) traz as principais premissas de Polanyi e da Nova Sociologia Econômica. O autor fala sobre os conceitos de reciprocidade e redistribuição, além do papel das redes, atuando como instituições de redistribuição e coordenação, e como manifestações contrárias à hegemonia de um sistema de mercado auto-regulável.

A disciplina contou com a presença dos doutorandos, Larissa e Givaldo, que apresentaram seus projetos de tese. No projeto de tese da Larissa, a mesma tratou sobre o conceito de *management*, voltando-se para a atuação dos docentes de Institutos Federais. E o doutorando Givaldo apresentou conceitos já vistos em sala, como o *embeddedness* de Granovetter, relacionando com a inclusão e exclusão territorial de vitivinicultores.

Na aula seguinte, foram debatidos dois textos de Granovetter (1973; 1983), nos quais ele explica sobre as redes sociais, indicando que um número maior de pessoas pode ser alcançado através dos laços fracos, sendo que os laços fracos possibilitam o acesso a informações diferentes das que usualmente recebemos de nossos laços fortes.

Em seguida, foram discutidos os textos de Beckert (2007), Fligstein e Dauter (2012) e Wilkingson (1999). Fligstein e Dauter (2012) discorrem sobre os campos teóricos que surgem na sociologia dos mercados, que apresentam diversos pontos de concordância, mas que, com frequência, não levam os demais campos em consideração. Isso ocorre por ignorarem os conceitos de outros campos e devido à existência de diferenças na linguagem conceitual. Becker (2007) foca no problema da ordem social dos mercados, com a premissa de que os mercados são arenas altamente exigentes de interação social e que, para operar, necessitam que três problemas sejam resolvidos: o valor, o problema da concorrência e o problema da cooperação.

No texto de Zelizer (2003), aborda-se as mudanças ocorridas no significado do dinheiro doméstico, bem como o dinheiro enquanto um instrumento de racionalização da vida social. Para a autora (2003, p. 128), “o dinheiro surge como derradeiro critério de objetivação, rompendo todas as ligações subjetivas entre objetos e indivíduos e reduzindo as relações pessoais a redes de cálculo instrumental”. Um dos aspectos trazidos por DiMaggio (2003, p. 178) é o das questões culturais na análise econômica, segundo ele, “a cultura influencia a economia quer a nível organizacional, quer a nível da ação individual. [...] as burocracias são artefatos, tanto culturais como materiais”.

A turma também pode contar com a participação dos doutorandos Mariana e Pedro, que discursaram sobre seus estudos. A Mariana apresentou um relato muito interessante sobre sua pesquisa que trata do mercado artesanal de queijo de leite cru. O Pedro trouxe partes de seu estudo no qual utiliza a abordagem institucionalista para avaliar Redes Agroalimentares ligadas ao Movimento *Slow Food*.

Em nosso último encontro, debatemos os textos de Schwartz (2004; 2007), Steiner (2017) e Beckert (2017). Schwartz (2004) afirma que muitas pessoas ficam infelizes quando suas opções se expandem em demasiado, havendo os indivíduos maximizadores (que buscam sempre a melhor escolha possível) e os satisfazes (que almejam algo bom o suficiente). Os maximizadores tendem a gastar muito tempo comparando opções e, após fazer uma escolha, são incomodados pelas alternativas que não puderam investigar. Para Schwartz (2007), a existência de mais escolhas não necessariamente é melhor, pois gera uma sobrecarga.

Steiner (2017) trata sobre o conceito de dádiva organizacional, que consiste em uma

categoria de dádiva na qual uma ou mais organizações se estabelecem entre o doador e o donatário, não havendo mais uma ligação direta entre os dois. Já o texto de Beckert (2017), expõe que a emergência do capitalismo foi acompanhada pela ascensão de uma ordem temporal diferente. O autor destaca os termos “expectativa” e “incerteza”, pois, diante de um futuro aberto e imprevisível, os indivíduos encaram promessas de possibilidades ilimitadas, além de ameaças constantes ao seu *status* econômico.

Durante a disciplina, a realização de aulas dialogadas com questões orientativas para o debate facilitou a compreensão do conteúdo, embora em alguns momentos a intervenção do professor se fez necessária, diante da dispersão da turma durante as discussões. A partir dos textos debatidos, foi possível compreender que a Nova Sociologia Econômica não visa negar completamente os estudos da Economia, mas busca analisar a influência das questões sociais nas ações dos indivíduos, para assim, melhor entender o mercado. Alguns conceitos que destaque são os de confiança, capital social, *embeddedness* e redes sociais.

REFERÊNCIAS

BECKERT, J. Reimaginando a Dinâmica Capitalista: Expectativas Ficcionalis e o Caráter Aberto dos Futuros Econômicos. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 29, n. 1, p. 165-189, abr. 2017.

_____. **The Social Order of Markets**. 2007.

COLLET, F. Economic Social Action and Social Network Influences. A Discussion Around Mark Granovetter Sociology of Economic Life, **6th European Sociological Association Conference**, Murcia, 2003.

DIMAGGIO, P. Aspectos Culturais da Ação e da Organização Econômica. In: PEIXOTO, J.; MARQUES, R. (orgs.). **A Nova Sociologia Econômica**. Oieras: Celta, 2003.

FLIGSTEIN, N.; DAUTER, L. A Sociologia dos Mercados. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, 66, p. 481-504, set./dez. 2012.

GRANOVETTER, M. Ação Econômica e Estrutura Social: O Problema da Imersão. **RAE.**, São Paulo, v. 6, n. 1, art. 9, jan/jun. 2007.

_____. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, p. 1360-1380, may, 1973.

_____. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. **Sociological Theory**, v. 1, p. 201-233, 1983.

MARQUES, R. Os Trilhos da Nova Sociologia Econômica. In: Marques, R.; Peixoto, J.

(orgs.). **A Nova Sociologia Econômica**. Oieras: Celta, 2003.

NEE, V.; INGRAM, P. Embeddedness and Beyond: Institutions, Exchange and Social Structure. In: BRINTON, M. C.; NEE, V. (edit.). **The New Institutionalism in Sociology**, New York: Russell Sage Foundation, 1998.

RAUD-MATTEDI, C. Análise Crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os Limites de uma Leitura do Mercado em Termos de Redes e Imbricação. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 6, p. 59-82, abr. 2005a.

_____. A Construção Social do Mercado em Durkheim e Weber: Análise do Papel das Instituições na Sociologia Econômica Clássica. **RBCS**, v. 20, n. 57, p. 127-208, fev. 2005b.

SCHWARTZ, B. **The Paradox of Choice**: Why More is Less. HarperCollins E-books, 2007.

_____. **The Tyranny of Choice**. Scientific American, abril 2004.

STEINER, P. A Dádiva Organizacional: Dádiva à Distância e Circuitos de Troca. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 29, n. 1, p. 23-43, abr. 2017.

_____. **A Sociologia Econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.

VINHA, V. da. Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: Uma Aplicação Contemporânea do Conceito de Enraizamento Social. **Econômica**, v. 3, n. 2, p. 207-230, dez. 2001.

ZELIZER, V. A. O Significado Social do Dinheiro: “Dinheiros Especiais”. In: PEIXOTO, J.; MARQUES, R. (orgs.). **A Nova Sociologia Econômica**. Oieras: Celta, 2003.